



Interfaces entre Jornalismo e Literatura: Marcas Narrativas do Jornalismo Literário no caderno Aliás, do Jornal O Estado de S. Paulo ¹

Iago PORFÍRIO²

Katarini MIGUEL³

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS

RESUMO

Este trabalho apresenta uma discussão acerca do jornalismo literário, suas características e interfaces com a literatura. O debate passa pelos caminhos da grande-reportagem, do livro-reportagem e dos gêneros, para entender a ligação destes com o novo jornalismo. A segunda parte do trabalho traz uma análise empírica dos textos da seção *Arremate*, do caderno Aliás, do jornal *O Estado de S. Paulo*, de maneira metalinguística, na tentativa de identificar atributos do jornalismo literário em suas narrativas, de acordo com os autores Wolfe (2005) e Lima (2009).

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo literário; Aliás; Narrativas; O Estado de S. Paulo.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo investigar as características do jornalismo literário presentes nos textos da seção *Arremate*, do suplemento *Aliás*, do jornal *O Estado de S. Paulo*. Precede à análise a teoria basilar e conceitual do jornalismo literário.

Iniciamos este trabalho relacionando o jornalismo e a literatura num recorte histórico e marcante para ambos. Trata-se do movimento naturalista, que mantém uma estreita relação com o jornalismo, essencialmente com a reportagem. A narratividade, presente na grande-reportagem, é a expressão do jornalismo literário, segundo Bulhões (2007).

O desafio da grande-reportagem é ampliar e contextualizar o que já foi notícia, num quadro interpretativo dos fatos. A diferença entre a notícia e a grande-reportagem está na

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

² Autor do trabalho, graduando em Comunicação Social/Habilitação em Jornalismo na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, email: iagoporfiriojor@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, email: katarini.miguel@ufms.br.



“matéria que amplia uma simples notícia de poucas linhas, aprofunda o fato no espaço e no tempo, e esse aprofundamento (conteúdo informativo) se faz numa interação com a abordagem estilística. A reportagem seria então ‘uma narração noticiosa’” (MEDINA, 1988, p. 115).

A compreensão da grande-reportagem, que faz uso de uma narrativa estilística, é importante neste trabalho, para entender a manifestação máxima do jornalismo literário: o livro-reportagem. Munido de universalidade, o livro-reportagem traduz diferentes realidades, num plano de resgate histórico para compreender o presente. Assim,

O livro-reportagem apresenta-se com aprofundamento igualmente extensivo e intensivo. No primeiro caso, o número e a qualidade dos detalhes enriquecem a narrativa para um grau de informação idealmente superior aos dos veículos cotidianos. No segundo, a verticalização solidifica a real compreensão do tema e de sua precisa inserção no contexto contemporâneo (LIMA, 2009, p. 40).

Projeta-se com essa discussão do livro-reportagem a configuração dos gêneros. O jornalismo e a literatura dividem um hibridismo de gêneros, que vai do romance-reportagem ao conto-reportagem, e também a crônica, que é um gênero literário-jornalístico. De modo geral, consideramos que uma breve problematização dos gêneros no novo jornalismo é imprescindível, uma vez que “a trajetória dos gêneros do jornalismo parece ter conduzido a uma inevitável pausterização formal” (BULHÕES, 2007, p. 39).

A análise deste trabalho é feita no âmbito da metalinguagem. Estabelecendo um diálogo com os atributos e características do jornalismo literário entre os textos analisados – do ponto de vista dos autores Edvaldo Pereira Lima (2009) e Tom Wolfe (2005) –, a metalinguagem, aqui, se expressa na intertextualidade, que “é uma forma de metalinguagem, onde se toma como referência uma linguagem anterior (...)” (CHALHUB, 1988, p. 52). Com isso, analisamos, a título de discussão inicial, três textos do caderno *Aliás*, para entender as potencialidades do jornalismo literário em veículos convencionais.

INTERFACES ENTRE JORNALISMO E LITERATURA

Entrelaçar caminhos e diferenças entre as fronteiras tênues do jornalismo e da literatura, numa perspectiva de convergência entre os dois gêneros, é de extrema delicadeza,



visto que criação literária e produção factual há muito tempo dividem espaço nas páginas dos jornais, num ritmo oscilante de elementos ficcionais da escrita e apreensão da realidade.

O Modernismo está para literatura assim como o jornalismo literário está para as novas formas de apreensão do real pelo discurso ficcional. Para Fábio Lucas (1993, p.45), o Modernismo esteve calcado ao espírito da renovação de estilo, “foi uma revolução estética bafejada pelos acontecimentos políticos que influenciavam o mundo inteiro”. Embora o Movimento Modernista tenha sido uma transição para provocar os escritores sobre os problemas sociais, sua atuação no cenário literário foi, sem dúvida, um abalo nas formas de escrita⁴.

Assim, o *New Journalism*⁵ – que no Brasil fica conhecido como jornalismo literário – não chegou a se consolidar como um movimento, mas foi também um “sinônimo de agitação, animação e abalo, pois (...) agitou o epicentro do jornalismo mundial e abalou estruturas fossilizadas da textualidade jornalística” (BULHÕES, 2007, p. 146).

Dessa maneira, a canonização dos exemplos acima configura uma relação de ideais, procurando desfazer paradigmas narrativos; uma escrita antibelettrista e antiacademicista, para a literatura, e uma transcendente aos padrões de construção narrativa compactuados na ideia de objetividade, para o jornalismo⁶.

Dado um exemplo dessa interface do jornalismo com a literatura, partimos para o oposto: os artifícios jornalísticos utilizados pela literatura, mais precisamente no período naturalista. Um dos expoentes do Naturalismo francês, Émile Zola, já não queria ter a imaginação somente como um atributo da criação literária. Embora, de acordo com Bulhões (2007, p. 63), “a crise da imaginação das artes se daria com o Realismo”, sendo as formas naturalistas uma radicalização deste⁷. Podemos arriscar a dizer que Zola queria ir a fundo com uma literatura interpretativa, quando afirma que “o escritor precisa se dedicar ao conhecimento rigoroso da matéria que quer transpor para a representação ficcional, até

⁴ Ainda de acordo com Fábio Lucas (1993, p. 45), o Modernismo possuía uma “mistura de campo e cidade, de agricultura e indústria”, traduzindo uma fase ainda não concluída, que só “com o romance nordestino que os problemas sociais se aguçam e se tornam painel de cores vivas e expressivas” (LUCAS, 1993, p. 46).

⁵ Para Felipe Pena (2006, p. 53), o que impulsionou o nascimento do Novo Jornalismo na década de 1960, nos Estados Unidos, foi “a insatisfação de muitos profissionais da imprensa com as regras de objetividade do texto jornalístico, expressas na famosa figura do *lead*, uma prisão narrativa que recomenda começar a matéria respondendo às perguntas básicas do leitor”.

⁶ Dois dos exemplos mais expressivos de jornalistas-escritores que seguiam essa vertente de narrativa, além de Benjamin Costallat, Sylvio Floreal e João do Rio, foram Lima Barreto e João Antônio. Ambos denunciavam esferas marginalizadas na sociedade e estendiam “a denúncia da precarização literária às praias do jornalismo” (CORAÇÃO, 2009, p. 178).

⁷ O Movimento Naturalista precede o Realismo, que teve início com o romance *Madame Bovary* (1857), do escritor francês Gustave Flaubert, marcando o romance realista ocidental. No Brasil, o movimento ganha fôlego com a publicação de *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo. O que se pretende pontuar, aqui, é a imagem do repórter revestida na dos escritores-naturalistas da época. O que Zola propunha era “fundamentos para uma literatura de observação e análise, negando com veemência que a imaginação fosse uma qualidade do romancista” (BULHÕES, 2007, p. 67).



mesmo com pesquisa e levantamento de dados informativos. O escritor-romancista precisa, pois, documentar-se” (BULHÕES, 2007, p. 67).

Essas características erigidas por Zola se comparam aos parâmetros do jornalismo, ao que Melo (1985, p. 9) responde: “(...) o jornalismo atém-se ao real, exercendo um papel de orientação racional”, partindo para um jornalismo interpretativo, cuja natureza é “identificar causas e motivos, compreender a *significação*, efetuar *análises* e *comparações* e realizar *previsões*” (MELO, 1985, p.20).

Há nessas formas embrionárias do fazer literário de Zola, a imagem do repórter que se constrói a partir do século XIX, que tinha como trabalho “sair a campo, tomar notas, documentar-se, conversar com pessoas conhecedoras de um assunto, observar (...)” (BULHÕES, 2007, p. 70).

Se Zola foi, nas palavras de Bulhões, “um escritor vestido de repórter” - deixando um legado que é “reconhecível na prática da grande reportagem e do romance-reportagem, sobretudo com as realizações da vertente do *New Journalism*” (BULHÕES, p. 71) –, é a vez de o jornalismo vestir-se, com sensibilidade, dos recursos do relato ficcional. Isto é possível por meio dos atributos do discurso literário aplicados à narrativa jornalística.

JORNALISMO LITERÁRIO: O DISCURSO LITERÁRIO COMO INOVAÇÃO PARA A NARRATIVA JORNALÍSTICA

Para Bulhões (2007, p. 40), o ponto de ligação do jornalismo com a literatura está na *narratividade*, que está “intimamente vinculada à necessidade humana de conhecimento e revelação do mundo ou da realidade”. Se este é o epicentro da confluência dos dois gêneros, o que diferencia o jornalismo “é a capacidade de transformar pequenos fatos que fazem o dia-a-dia da cidade, do país e do mundo em matérias boas de ler” (KOTSCHO, 2007, p. 10).

Ainda nesse círculo concêntrico do discurso jornalístico-literário, o que está em jogo é o *como contar*, as sutilezas narrativas utilizadas pelo repórter para transpor esses *fatos* em *matérias boas de ler*, de modo que satisfaçam essa *necessidade humana de conhecimento*. Tom Wolfe (2005), considerado o pai do *novo jornalismo*, elenca quatro recursos do jornalismo literário⁸. Um deles é o chamado “ponto de vista da terceira pessoa”, uma técnica de “apresentar cada cena ao leitor por intermédio dos olhos de uma personagem particular”,

⁸ São eles (PENA, 2006, p. 53 *apud* WOLFE: 2005): a reconstrução da história cena a cena, o registro de diálogos completos, cenas pelos pontos de vistas de diferentes personagens e o registro de hábitos e características simbólicas da personagem.



dando ao leitor a possibilidade de experimentar “a realidade emocional da cena como o personagem a experimenta” (WOLFE, 2005, p. 54).

Essas características se expressam, também, na grande-reportagem. A grande-reportagem não está preocupada em informar (somente informar), ela contextualiza, aprofunda, relaciona, dá ao leitor essa prerrogativa de entrar na *realidade emocional da cena como o personagem*, por meio da subjetividade do repórter e sua capacidade criativa de construir boas narrativas da vida real, balizadas na veracidade dos fatos e na sua necessidade de quebrar com os padrões da narrativa jornalística engessada pelos critérios de objetividade:

“Em razão disso é que se verifica na construção da reportagem o recurso à linguagem literária e ficcional, sem prejuízo da verdade. (...) a busca da objetividade informativa é incompatível, enquanto texto, com a reportagem. Nesse caso, a objetividade revela-se imponente” (FARO, 1996, p. 19).

O livro-reportagem é o gênero que mais abarca essa expressividade do jornalismo literário, incorporando técnicas da ficção e modelos de captação do real, resultando na potencialidade de narrativas da vida real. Lima (2009, p. 353) afirma que “de todas as formas de expressão do jornalismo e da literatura, a modalidade que melhor utiliza o potencial do livro-reportagem é o jornalismo literário. Os dois combinam-se, adequam-se, agregando conteúdo sólido e narrativa poderosa”.

Rildo Cosson (2001) explica que essa “migração” de jornalistas para o campo da literatura, tendo sua razão de ser no livro-reportagem, se dá pela busca de novos espaços a partir da década de 70.

“Iniciada pela presença considerável de jornalistas-escritores no mercado literário e o próprio surgimento e êxito crescente do romance-reportagem, a migração jornalística costuma ser apontada como uma das consequências imediatas da censura política que, impedindo os repórteres de escrever sobre o que sabiam, levava-os a buscar na literatura o espaço que lhes era negado no jornalismo” (COSSON, 2001, p. 17).

Diante dessas ponderações, surge em pleno período de regime militar a revista que consolidaria o jornalismo literário através de suas inovações no estilo da reportagem, a *Realidade* (1966-1968)⁹. Foi a “mais revolucionária resposta jornalística e de maior sucesso

⁹ A *Realidade* deixa um marco na imprensa brasileira com um pendor de qualidade na produção jornalística que não se repetiria após o fim de sua circulação. Outras duas revistas que também marcariam o cenário do jornalismo no Brasil e que precedem à *Realidade*, são *O Cruzeiro* e *Diretrizes* (1938). *O Cruzeiro*, a revista de Assis Chateaubriand, surge em 1928, mas é nos anos 50 “que a reportagem amplia seu espaço na imprensa” (FARO, 1996, p. 62) com a revista. Assim, “O



popular”, que “primou pelo texto solto que rompia com fórmulas tradicionais do jornalismo no Brasil” (LIMA: 2009. p. 224-228). Um jornalismo que não defendia, no entanto, sua práxis da objetividade, e sim da criatividade; despregando-se, pois, de seu estilo tradicional para narrar as transformações sociais da época:

“Como revista e como jornal, Realidade e Jornal da Tarde romperam com o estilo tradicional dos órgãos da grande imprensa; disseram respeito, com seus novos signos, às alterações que se processavam com profundidade nos centros urbanos e que atingiam em cheio a classe média intelectualizada, já cooptada pelos rumos da modernização” (FARO, 1996, p. 28).

É redutor tentar compreender o jornalismo literário e suas potencialidades como, por exemplo, o livro-reportagem, usando critérios pouco consistentes a respeito de gêneros. Se a crônica é, como defende José Marques de Melo (1985), um gênero concomitantemente jornalístico e literário, essa relação postula que a delimitação entre os campos do jornalismo e da literatura está além dessa discussão a respeito de gêneros. No entanto, os estudos dos gêneros é uma investigação que escapa às dimensões deste trabalho. Sem esgotar as possibilidades de discuti-lo e contextualizá-lo, é considerável que se faça uma breve passagem no terreno dos gêneros com as fronteiras do jornalismo e literatura.

O JORNALISMO LITERÁRIO E A TENTATIVA DE DELIMITAR SUAS FRONTEIRAS: OS GÊNEROS

Edvaldo Pereira Lima (2009) coloca o livro-reportagem como um subsistema, do *sistema de jornalismo*. Nesse caso, o romance-reportagem¹⁰ exerce um relevante papel, “preenchendo vazios deixados pelo jornal, pela revista, pelas emissoras de rádio, pelos noticiários de televisão”, avançando, assim, “para o aprofundamento do conhecimento do nosso tempo, eliminando, parcialmente que seja, o aspecto efêmero da mensagem da atualidade” (LIMA, 2009, p. 4).

Cruzeiro e Diretrizes, pode-se dizer que as duas revistas consolidaram a existência da grande-reportagem na imprensa brasileira” (Op. Cit, p. 65).

¹⁰ A nomenclatura desse jornalismo com páginas ampliadas, vertendo as realidades no grau máximo de compreensão e profundidade, varia de *livro-reportagem*, *romance-reportagem* à *romance de não-ficção*. Rildo Cosson (2001) defende o romance-reportagem como um gênero do jornalismo literário, que “pode ser visto como um gênero que resultou do entrecruzamento do gênero “literário” romance com o gênero “não-literário” reportagem, ou, em outras palavras, da intersecção das marcas constitutivas e condicionadoras da narrativa romanesca e da narrativa jornalística” (COSSON, 2001, p. 32). Para Felipe Pena (2006), a biografia é um subgênero do jornalismo literário, defendendo, assim, que “a biografia é certamente o subgênero mais difundido no jornalismo literário” (PENA, 2006, p. 93).

O primeiro exemplo de livro-reportagem no Brasil surge, em 1910, de um não jornalista, com *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Euclides da Cunha é considerado, junto ao João do Rio, um dos pioneiros da reportagem, quando produziu materiais sobre Canudos para o jornal *O Estado de São Paulo*. No entanto, Faro (1996) adverte sobre dois precursores da reportagem, dizendo que

“o autor de *Os Sertões* olha o objeto de sua investigação com o olhar do naturalista, do investigador conduzido pela brutalidade do meio geográfico e pelas características da etnia. Produziu sua correspondência para um jornal, é certo; mas faltava-lhe o compromisso com a estrutura e com a vocação do órgão de informação. Sua genialidade é isolada e solitária. O mesmo ocorre em João do Rio (...), o jornalista carioca é certamente pioneiro na abordagem em profundidade das matérias que escreveu, mas deve ser visto como precursor e não chega a indicar uma tendência no período em que viveu” (FARO, 1996, p. 59).

O jornalismo divide com a literatura um gênero híbrido: a crônica, que surge com o *folhetim*. Com seu caráter de registro rápido, mas atento da realidade, a crônica é, segundo José Marques de Melo (1985, p.111), “o embrião da reportagem”. Nesse sentido de narrativa histórica é que ela chega ao jornalismo, com “uma narrativa circunstanciada sobre os fatos observados pelo jornalista num determinado espaço de tempo”, configurando-se como um gênero “eminente narrativo” (MELO, 1985, p. 116).

Partindo de investigações da instauração do discurso ficcional nas narrativas do factual, Lima (2009) coloca o *simbolismo*, a *criatividade* e a *responsabilidade ética* como atributos do tripé do jornalismo literário. O eixo balizador para esse tripé, ainda de acordo com Lima, é a busca da *compreensão*, *universalização temática*, *humanização* e *imersão*.

Tom Wolfe (2005, p. 53) afirma que o início do novo jornalismo se deu quando os jornalistas “começaram a descobrir os recursos que deram ao romance realista seu poder único, conhecido entre outras coisas como seu “imediatismo”, sua “realidade concreta”, seu “envolvimento emocional”, sua qualidade “absorvente” ou “fascinante””.

Esse impacto causado aos jornalistas pelo romance realista é resultante de quatro recursos, de acordo com Wolfe (2005, p. 53): “construção cena a cena”, registro do diálogo completo, “ponto de vista da terceira pessoa” e o “registro dos gestos, hábitos, maneiras” etc.

Sérgio Vilas Boas (2013), que denomina o jornalismo literário de jornalismo narrativo, um jornalismo sustentado em narrativas da vida real, coloca essa narrativa como atitude de imersão onde “os personagens não são acessórios”, não se tratando meramente de “texto bonito”.



Tendo em vista essas técnicas apropriadas pelo jornalismo literário, no próximo passo vamos estabelecer uma ponte equiparando as marcas desses recursos estilísticos nas narrativas da seção *Arremate*, do caderno *Aliás*, do jornal *O Estado de São Paulo*. Estabelecendo, assim, um diálogo metalinguístico¹¹ dessas narrativas com os fundamentos de Lima (2009) e Wolfe (2005), na tentativa de compreender as potencialidades do jornalismo literário, suas características e atributos na imprensa convencional, e, também, se existe espaço para esse tipo de narrativa.

ETAPAS DO FAZER

O caderno *Aliás*, suplemento do jornal *O Estado de S. Paulo* que circula aos domingos, se pauta por “análises profundas sobre os principais assuntos da semana e textos mais extensos”, fazendo do caderno “um espaço de reflexão do jornal”¹². Trata-se, portanto, de um suplemento analítico, que exerce um trabalho jornalístico mais aprofundado e que merece atenção.

Nesse sentido, identificamos o *Aliás* como espaço propício para o exercício do jornalismo literário. A seção *Arremate* faz uma abordagem jornalístico-literária dos principais assuntos divulgados durante a semana, usamos como critério para este trabalho a produção de textos feita por jornalistas do jornal *O Estado de S. Paulo*. Isto porque, no suplemento *Aliás*, “além de jornalistas, cientistas políticos, sociólogos e economistas apresentam as suas visões dos fatos com argumentos capazes de esquentar os debates e de ampliar o repertório do leitor”¹³. Foram analisadas, também, edições de fevereiro a abril de 2015, reduzindo a discussão a um texto de cada mês.

¹¹ Para Samira Chalhub (1988, p. 27), a metalinguagem é percebida “quando, numa mensagem, é o fator código que se faz referente, que é apontado”. No caso deste trabalho, quando o que se objetiva é uma análise do *código* (as narrativas) utilizando-se o próprio *código* (características dessas narrativas), a função metalinguística é que conduz a análise. Uma vez que o “emissor e o receptor precisam verificar se o código que utilizam é o mesmo, o discurso este desempenhando a função de se auto-referencializar (...)” (CHALHUB, 1988, p. 27).

¹² Estadão: <http://publicidade.estadao.com.br/estadao/alias>.

¹³ Idem. .



TEXTO 1: ALGUMA COISA ACONTECE¹⁴

O texto do jornalista Christian Carvalho, publicado na seção *Arremate* em 01 de fevereiro de 2015, traz histórias de personagens que vivem no cruzamento entre as avenidas mais emblemáticas da cidade de São Paulo, a Ipiranga com a São João.

Carvalho introduz personagens a partir de histórias de personalidades precedentes. Com isso, o jornalista entrelaça histórias parecidas que continuam “correndo e correndo e não vendo o dia passar”. Wolfe (2005, p. 53) coloca como o primeiro recurso do jornalismo literário a construção a cena a cena, que consiste em “contar a história passando de cena para cena e recorrendo ao mínimo possível a mera narrativa histórica”. Esse primeiro recurso está diretamente ligado ao segundo, que é o registro de diálogos completos e que “estabelece e define o personagem mais depressa e com mais eficiência do que qualquer outro recurso” (WOLFE, 2005, p 54).

Para contar e personificar um dos personagens, Carvalho inicia o texto com uma declaração de uma das moradoras da esquina com as avenidas Ipiranga e São João.

- Não, meu bem. Não é o peso do cacete que importa. É bom que seja de ferro pra não quebrar, vá. Mas o negócio é onde se bate. Aprende, ói: é na canela ou nessa parte aqui em que o pescoço junta com o ombro. Vê? A dor é tanta que o pilantra na hora entorta. E aí você fica tranquilo pra continuar batendo até ele se mijar todo.

A declaração é de Edna Revisz, zeladora do Edifício Zico, “ranzinza paulistana”, viúva e que se defende com um “porrete de ferro”. Notamos, até aqui, a utilização de Carvalho dos recursos de diálogos completos e o registro de “gestos, hábitos, maneiras, costumes etc” (WOLFE, 2005, p. 55).

Para Wolfe(2005), no novo jornalismo “não há regras sacerdotais; em nenhum caso... Se o jornalista quer mudar o ponto de vista da terceira pessoa para o ponto de vista da primeira pessoa na mesma cena (...), ele simplesmente faz isso” (WOLFE, 2005, p. 57. Como observamos no trecho a seguir, em que Carvalho muda o foco narrativo para a primeira pessoa e, em seguida, apresenta uma nova personagem: “Longe de nós querer dar pitaco na vida da Edna, mas talvez fizesse bem a ela deixar o porrete. Conhecer gente nova, jogar conversa fora (...).Tipo assim, Edna: esse é o Raimundo José. Raimundo-Edna, Edna-

¹⁴ Disponível em: <http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,alguma-coisa-acontece,1627383>.



Raimundo. Prazer”. Com isso, Carvalho vai introduzindo novas personagens, a medida que vai criando cena a cena suas histórias e utilizando, também, uma linguagem coloquial.

TEXTO 2: BRUTALISMO EM PRAIA DE PAULISTA¹⁵

O texto do jornalista André de Oliveira, publicado em 08 de março de 2015, problematiza o abandono da obra do arquiteto João Batista Vilanova Artigas, uma garagem de barcos, às margens da represa Guarapiranga, em São Paulo.

Dando início ao texto, Oliveira, depois de explicar o significado do nome da represa, faz um posicionamento: “Imagina só se um monstro gigante, quem sabe um pássaro, quem sabe um guará, surgisse lá do fundão do lago, viesse voando baixinho até aqui e agarrasse com os pés gigantes a laje dessa construção. Imaginou?”. Ao que Oliveira responde: “Aconteceria era que o teto de concreto armado, rígido e sonhado para durar para sempre, se deslocaria e o monstro levantara voo carregando a estrutura lá para o fundo, de onde veio voando”.

Esse trecho, além de deixar claro a frágil estrutura da obra de Artigas, ajusta-se a um dos atributos basilares do jornalismo literário de Lima (2009), o *simbolismo*. O texto não é narrado apenas com dados factuais, mas capta os significados transpostos aos fatos. Considerar o simbolismo na narrativa é considerar que “todo acontecimento é carregado de significados sutis, subjetivos. O mundo não é apenas concreto e factual. É também simbólico” (LIMA, 2009, p. 378).

Nesse sentido, ao texto é atribuído um caráter de humanização, outra característica do jornalismo literário defendida por Lima (2009). Humanizar a obra arquitetônica que sofre um “completo abandono”, com “uma estrutura castigada pelas intempéries, pichada e degradada, esquecida às margens da represa”. Nota-se a utilização de figuras de linguagem, como a metáfora.

¹⁵ Disponível em: <http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,brutalismo-em-praia-de-paulista,1646442>.



TEXTO 3: ZUIIIM VERSUS ZIUUUM¹⁶

O texto da jornalista Mônica Manir, publicado em 15 de março de 2015, conta como o casal Legardeth e Maria Tereza criam uma “gaiola de mosquitos logo no portão”, assim como as personagens Zé Maria e Valter Quintino. A criação do Aedes transgênico do “bem” é para o combate à doença causada pelos seus “irmãos do mal”.

O texto de Manir se coaduna com um dos pilares básicos do jornalismo literário, que é a criatividade. A narrativa relaciona e contextualiza dados de como os órgãos públicos têm feito para “combater Aedes com Aedes, selvagem com transgênico, e assim reduzir a quantidade do principal transmissor da doença”, e, também, com alternativas de alguns moradores de Piracicaba, interior de São Paulo, como observamos no trecho a seguir:

Me mostrou o quintal limpo. “Acabei agora de jogar fora a água da cachorra.” A gaiola apinhada de mosquitos atravessou a rua. ‘Esse é o Aedes do bem’, repetiu Guilherme. “Quer conferir como não pica?”. Valter olhou para própria mão. “Tá suja de terra”, desconversou. E gritou pra dentro: Ô, Zenaide, faz o favor, põe a mão aqui!

A utilização de diálogos ao longo do texto, que também discute acerca dos usos de mosquitos transgênicos – deixando-o preso a informações cronológicas -, angaria uma potência criativa à narrativa, pois, de acordo com Lima (2009), “a realidade é como um caleidoscópio, oferecendo combinações infinitas de cores. Cabe a cada escritor escolher o ângulo que lhe interessa mais, vislumbrar um portal criativo para contar sua história” (LIMA, 2009, P. 388). No entanto, o texto ainda considera aspectos mais tradicionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudarmos os elementos e características que compõem a narrativa do texto jornalístico-literário, um fator determinante na formação desse jornalismo narrativo é a questão ética. A responsabilidade ética é apontada com um dos “princípios filosóficos que embasam o jornalismo literário” (LIMA, 2009, p. 389). As palavras *literário* e *criatividade* não são licença artística para mimetizar a realidade, visto que o compromisso do jornalismo literário é a sua credibilidade.

¹⁶ Disponível em: <http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,zuiiim-versus-ziuum,1650606>.



Sérgio Vilas Boas (2013) defende que ética e técnica têm formação diferente, embora as duas precisem andar juntas.

Há ainda os que tecem apelos éticos, na crença de que o tal “literário”, ao empregar técnicas provenientes da literatura, só pode resultar necessariamente em invenção, manipulação e distorção. Ao que respondo: ética é uma questão de formação e caráter, não de técnica (VILAS BOAS, 2013).

Desse modo, “cabe ao autor de jornalismo literário, então, mergulhar no seu assunto com o máximo de honestidade possível para apurar, pesquisar, investigar, comprovar situações”, o que lhe interessa é “compreender um tema a partir das perspectivas dos personagens nele mergulhados” (LIMA, 2009, p. 392).

Este trabalho se propôs, numa percepção metalinguística, discutir o jornalismo literário, a relação estilística e histórica que o jornalismo mantém com a literatura, resultando no jornalismo narrativo e em narrativas da vida real.

O nome *Arremate*, alçado no suplemento *Aliás*, retoma uma concepção literária, ao ponto que a própria seção faz uma espécie de conclusão ou consideração de um assunto que foi repercutido durante a semana. A exemplo do texto 3, em que a cidade de São Paulo passa por uma epidemia de contágio e doença do mosquito da dengue. Há uma quebra de linearidade, uma vez que a “abordagem estilística, ainda ligada a medida de tempo, apresenta uma variedade de ritmos e planos narrativos que quebram a seca linearidade da notícia tradicional” (MEDINA, 1988, p. 116).

Ao estabelecer como critério de escolha os textos produzidos por jornalistas, pretendíamos com este trabalho verificar analiticamente o espaço que as narrativas do jornalismo literário têm no jornalismo convencional. O ponto inicial foi, portanto, os conceitos basilares a respeito desse novo jornalismo para, com isso, identificá-los na estrutura e no processo narrativo dos textos da seção *Arremate*.

Com o enfoque desta análise do *Arremate*, no período de janeiro a abril¹⁷, foi possível constatar notadamente uma utilização equilibrada dos recursos estilísticos do novo jornalismo. Essas sondagens evidenciam que ainda predomina uma posição conservadora nos textos.

Percebe-se, assim, a rigor do objeto de investigação, que o que se trabalha por jornalistas no *Arremate* não é uma narrativa radical na concepção estilística, é, como Wolfe

¹⁷ No mês de abril, não foi publicado nenhum texto produzido por jornalista. Assim, tivemos que usar para a análise dois textos do mesmo mês, no caso, o mês de março.



(2005) defende, que o “radical chique, afinal, é radical apenas em estilo; no fundo, é parte da sociedade e de suas tradições” (WOLFE, 2005, p. 230).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Editora Ática, 2007.

CARVALHO, Christian. **Alguma coisa acontece**. O Estado de S. Paulo, 01 de fevereiro de 2015. Disponível em: <http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,alguma-coisa-acontece,1627383>. Acesso em: 02 de março de 2015.

CHALHUB, Samira. **A metalinguagem**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1988. Série Princípios.

CORAÇÃO, Cláudio Rodrigues. **Repórter-Crônista: Jornalismo e Literatura na interface de João Antônio com Lima Barreto**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Midiática) – UNESP, Bauru, 2009.

COSSON, Rildo. **Romance-reportagem: o gênero**. Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

FARO, José Salvador. **Realidade, 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira**. Tese Doutorado. ECA-USP, 1996.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. 4. e.d. São Paulo: Editora Ática, 2007.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura** [Ed. rev. e ampl.]. Barueri, SP: Manole, 2009.

LUCAS, Fábio. **O caráter social da ficção do Brasil**. São Paulo: Ática, 1985.

MANIR, Monica. **Zuiim versus Ziuuum**. O Estado de S. Paulo, 15 de março de 2015. Disponível em: <http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,zuiim-versus-ziuum,1650606>. Acesso em: 20 de abril de 2015.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1988.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.



OLIVEIRA, André. **Brutalismo em praia de paulista**. O Estado de S. Paulo, 08 de março de 2015. Disponível em: <http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,brutalismo-em-praia-de-paulista,1646442>. Acesso em: 31 de março de 2015.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

VILAS BOAS, Sérgio. **Jornalismo Narrativo**: a revalorização do Jornalismo Narrativo da reportagem narrativa como complemento para os noticiários. 2013. Disponível em: <http://www.sergiovilasboas.com.br/cursos/literatura-sem-invencao/>. Acesso em: 26/03/2014.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. Tradução de José Rubens Siqueira. Pós-fácio de Joaquim Ferreira dos Santos. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. Coleção Jornalismo Literário.